



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

GISELY DE LIMA CORDEIRO

**TEM COISA QUE NÃO É DOENÇA DE MÉDICO, É COISA QUE A GENTE
RESOLVE NA REZA.**

**BRAGANÇA
2026**

GISELY DE LIMA CORDEIRO

**TEM COISA QUE NÃO É DOENÇA DE MÉDICO, É COISA QUE A GENTE
RESOLVE NA REZA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, do Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Joana d’Arc de Vasconcelos
Neves

**BRAGANÇA
2026**

GISELY DE LIMA CORDEIRO

**TEM COISA QUE NÃO É DOENÇA DE MÉDICO, É COISA QUE A GENTE
RESOLVE NA REZA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como
requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Profa. Dra. Joana d'Arc de Vasconcelos
Neves

Data de Defesa: 10/07/2026

Conceito:

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora:

Profa. Dra. Joana d'Arc de Vasconcelos Neves – UFPA

Co-orientadora:

Maria Annarry de Vasconcelos Neves Tavares – UFPA

Examinador Interno:

Prof. Dr. Rogério Andrade Maciel – UFPA

Examinador Interno:

Prof. Dr. Luís Júnior Costa Saraiva – UFPA

SINOPSE

O documentário apresenta a história de três homens: seu Selestino e seu Antônio, da comunidade quilombola do João Grande, localizada no município de Viseu-PA; e seu Joãozinho, da comunidade quilombola Jurussaca, no município de Tracuateua-PA. Cada um aprendeu todas as práticas à sua maneira. Seu Antônio faz rezas silenciosas enquanto benze com pião roxo. Uma entidade também chamada Joãozinho permanece ao seu lado. Seu Selestino conduz seus ritos com orações e óleo ungido, e também realiza com plantas um ritual para afastar pragas que comprometem as plantas histórias de vida, como realizam os atendimentos e contam algumas de suas vivências com as pessoas que os procuram em busca de ajuda.

Entre banhos, visões e plantas, eles mostram o que sabem. O documentário não os trata como exceção ou curiosidade, coloca-os em conversa. Mostra as diferenças e semelhanças entre suas práticas. E mostra, acima de tudo, como esses saberes são ensinados, aprendidos e transmitidos.

DETALHAMENTO DA PESQUISA

O documentário foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Profa. Dra. Joana d’Arc de Vasconcelos Neves, com o plano de trabalho intitulado “As Dimensões Simbólicas do Uso de Plantas Amazônicas e o Cuidado: Compartilhamentos de Ser, Saber e Fazer”. Inicialmente, os materiais visuais coletados durante a pesquisa nas comunidades quilombolas Jurussaca (Tracuateua-PA) e João Grande (Viseu-PA) seriam trabalhados na perspectiva da etnofotografia. No entanto, durante o processo, percebemos que os saberes tradicionais envolvem elementos que o texto escrito ou as fotografias, de forma isolada, não conseguiriam comunicar com a mesma força: gestos, rezas, silêncios, expressões faciais, o manuseio das plantas e as formas de interação estabelecidas durante os atendimentos. O formato audiovisual foi, portanto, escolhido por permitir registrar e apresentar esses aspectos de maneira mais próxima da experiência vivida, trazendo maior imersão para quem assiste e possibilitando a visualização de detalhes importantes das práticas observadas.

Três homens aceitaram participar da pesquisa: seu Selestino e seu Antônio, da comunidade quilombola João Grande, localizada no município de Viseu-PA, e seu Joãozinho, da comunidade quilombola Jurussaca, no município de Tracuateua-PA. Durante as entrevistas, nenhum deles se apresentou diretamente como benzedor, curador, pajé ou qualquer outra nomenclatura frequentemente associada às práticas de cura. Embora suas atividades possam dialogar com essas categorias, os participantes afirmaram que tais denominações, especialmente a de pajé, costumam

ser associadas à realização de trabalhos considerados negativos, enquanto eles se reconhecem como pessoas que ajudam aqueles que os procuram.

Ao discutir diferentes experientes populares presentes em comunidades amazônicas, Maués (1994) utiliza a expressão “experientes” para se referir a sujeitos reconhecidos por seus conhecimentos relacionados ao uso de plantas, remédios da terra e outras formas tradicionais de cuidado. Durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa, os próprios participantes utilizaram essa expressão em diferentes momentos para se referirem tanto a si mesmos quanto a outras pessoas reconhecidas por esse tipo de conhecimento.

A escolha de utilizar o termo “experientes” ao longo deste trabalho está relacionada, portanto, a dois aspectos. O primeiro diz respeito à própria categoria empregada pelos participantes para se identificarem. O segundo está associado ao diálogo com a literatura especializada, que já utiliza essa nomenclatura para designar sujeitos que ocupam posições de reconhecimento em suas comunidades em razão dos conhecimentos que possuem. Por essa razão, optou-se por utilizar a expressão “experientes” ao longo do texto e do documentário, compreendendo-a como uma categoria que emerge tanto das narrativas dos participantes quanto das discussões desenvolvidas por Maués (1994) sobre práticas tradicionais de cuidado na Amazônia.

O contato com seu Selestino e seu Antônio foi possível graças à mediação de Raimundo da Silva, integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos e Diversidade na Amazônia (GUEAJA), que já havia realizado pesquisas na comunidade do João Grande e facilitou a aproximação com os participantes. O contato com seu Joãozinho ocorreu por meio de uma moradora da região próxima à comunidade Jurussaca, que intermediou a aproximação inicial e possibilitou a realização da entrevista.

A pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa, com base na pesquisa participante, compreendida a partir das contribuições de Carlos Rodrigues Brandão (1984), para quem o processo de investigação envolve a construção compartilhada do conhecimento entre pesquisador e participantes, valorizando suas experiências, saberes e formas de compreender a realidade. Essa perspectiva mostrou-se adequada ao desenvolvimento da pesquisa, uma vez que possibilitou estabelecer relações de diálogo com os participantes e compreender seus conhecimentos a partir de seus próprios referenciais.

A construção da pesquisa foi orientada por autores que discutem saberes tradicionais, ancestralidade, cultura amazônica e formas não hegemônicas de produção do conhecimento. Entre eles, destacam-se Raimundo Heraldo Maués (1990), cujos estudos sobre pajelança, encantaria e práticas de cura na Amazônia contribuíram para compreender as experiências relatadas pelos participantes; João de Jesus Paes Loureiro (2001), que discute os imaginários e as especificidades

da cultura amazônica; e Florêncio Almeida Vaz Filho (2016), ao abordar a importância de pajés, benzedores, puxadores e parteiras para as populações amazônicas.

Também dialogaram com a pesquisa as contribuições de Paulo Freire (1996), especialmente no que se refere ao reconhecimento dos saberes construídos na experiência, e Catherine Walsh (2009), que problematiza a hierarquização dos conhecimentos e defende a valorização de outras formas de produzir saberes. Essas leituras ajudaram a construir um olhar que compreende os participantes não como curiosidades culturais ou personagens exóticos, mas como sujeitos que produzem e compartilham conhecimentos a partir de suas experiências, trajetórias de vida e relações com o território.

No processo de construção do roteiro e da narrativa audiovisual, também foram consideradas contribuições do campo do documentário, especialmente as reflexões de Eduardo Coutinho sobre escuta, oralidade e construção narrativa a partir das vozes dos próprios participantes. Embora o documentário aqui apresentado possua características próprias e esteja vinculado às especificidades da pesquisa realizada, a opção por permitir que os experientes conduzam a narrativa dialoga com essa compreensão do documentário como espaço de encontro, escuta e compartilhamento de experiências. Essa perspectiva contribuiu para que a construção do filme priorizasse as vozes dos participantes, suas formas de narrar acontecimentos e os sentidos atribuídos por eles às práticas que realizam, evitando interpretações externas que pudessem se sobrepor às suas experiências.

PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Os saberes relacionados às práticas de cura, ao uso de plantas medicinais, às rezas e aos rituais continuam presentes em diversas comunidades amazônicas. Apesar disso, frequentemente estes saberes são vistos como secundários quando comparados às produções das instituições formais de saúde e educação. Em muitos casos, essas práticas são reduzidas a superstições, desconsiderando os conhecimentos, experiências e formas de aprendizado que as sustentam. Durante a pesquisa foi possível observar que os experientes não compreendem suas práticas como uma oposição à medicina convencional, mas sim diferentes formas de cuidado que existem no cotidiano das comunidades e são acionadas de acordo com as necessidades das pessoas. Os três experientes falam que algumas enfermidades chegam até eles, mas que não conseguem resolvê-las e, portanto, encaminham os enfermos para os médicos; também mencionam que há pessoas que os procuram depois de já terem passado por diversos médicos. Nesse sentido, a pesquisa parte da compreensão de que não se trata de estabelecer uma disputa entre saberes, mas de reconhecer a existência de diferentes formas de compreender a saúde, a cura e o cuidado.

OBJETIVO

O documentário tem como objetivo registrar e apresentar as experiências de seu Selestino, seu Antônio e seu Joãozinho, destacando os conhecimentos relacionados às práticas de cura, às rezas, aos rituais e ao uso de plantas presentes nas comunidades quilombolas João Grande e Jurussaca. Busca também compreender como esses saberes são aprendidos, compartilhados e transmitidos, evidenciando suas relações com a ancestralidade, a espiritualidade e as formas de cuidado construídas no interior dessas comunidades. Mais do que apenas documentar procedimentos ou práticas específicas, a produção procura dar visibilidade a conhecimentos que continuam presentes no cotidiano das comunidades pesquisadas, contribuindo para sua valorização e para o reconhecimento da diversidade de formas pelas quais diferentes grupos sociais compreendem a cura, saúde e vida.

REGISTRO AUDIOVISUAL

O registro audiovisual foi realizado com uma câmera fotográfica Sony Alpha a6400 e dois celulares (iPhone XR e iPhone 14), equipamentos escolhidos por sua disponibilidade durante o trabalho de campo e por possibilitarem o registro das entrevistas e das imagens das comunidades com boa qualidade. O documentário possui duração de 16 minutos e 21 segundos e foi finalizado em resolução Full HD (1920 × 1080), codec H.264, no formato MP4, conforme as especificações estabelecidas para o Trabalho de Conclusão de Curso. A edição foi realizada no programa CapCut Premium, em um tablet Galaxy Tab A9+, opção adotada pela familiaridade com a ferramenta e pela praticidade que ela proporcionou durante a montagem do filme. Buscando conferir maior unidade visual ao material registrado em diferentes momentos e equipamentos, foi aplicado o filtro Green Yellow, disponível no próprio programa de edição, valorizando os tons naturais presentes nas paisagens e nos espaços onde a pesquisa foi desenvolvida. Também foram realizados recortes nas entrevistas, preservando o sentido das falas dos experientes e selecionando os trechos mais significativos para a construção da narrativa, de modo a organizar o documentário dentro do tempo previsto sem comprometer a compreensão das experiências compartilhadas.

A captação buscou privilegiar as narrativas dos próprios participantes, compreendendo que suas experiências não poderiam ser traduzidas apenas por paráfrases em descrições escritas ou explicações externas. Por esse motivo, optou-se por apresentar uma narrativa construída a partir das entrevistas e dos registros realizados nos espaços onde os experientes vivem e desenvolvem suas práticas.

Essa escolha dialoga com a perspectiva de Eduardo Coutinho (2013), para quem o documentário se constitui, antes de tudo, como um espaço de encontro e escuta. Mais do que recolher informações, buscou-se criar condições para que os participantes narrassem suas próprias experiências e atribuíssem sentidos às práticas que realizam, permitindo que suas vozes ocupassem o centro da narrativa.

As imagens foram pensadas não apenas como ilustração das falas, mas como parte fundamental da construção do filme. Plantas, objetos utilizados nos rituais, ambientes domésticos, caminhos percorridos e detalhes do cotidiano das comunidades aparecem como elementos que ajudam a compreender os significados atribuídos às práticas de cura e cuidado. Nesse sentido, a utilização do audiovisual aproxima-se das discussões de Ana Luiza Carvalho da Rocha (2005) sobre a construção de narrativas etnográficas, ao compreender a imagem não apenas como registro, mas como linguagem capaz de comunicar aspectos da experiência que nem sempre encontram equivalência no texto escrito.

Da mesma forma, a permanência de determinados enquadramentos e a valorização dos sons ambientes procuram aproximar o espectador da experiência vivida durante a pesquisa. A opção por não utilizar um narrador foi uma escolha consciente da construção do documentário. Em vez de explicar as práticas a partir de uma voz externa, buscou-se permitir que os próprios participantes apresentassem suas trajetórias, explicassem seus conhecimentos e compartilhassem suas interpretações sobre aquilo que fazem.

Dessa forma, o filme foi construído como um espaço de escuta, no qual as vozes dos experientes ocupam o centro da narrativa. Mais do que registrar informações, o audiovisual foi compreendido como uma linguagem capaz de comunicar aspectos simbólicos, afetivos e culturais presentes nas práticas observadas. Gestos, silêncios, expressões, modos de manipular plantas e relações estabelecidas com o território constituem elementos que dificilmente poderiam ser apreendidos apenas pelo texto escrito, mas que encontram no documentário uma forma de registro e compartilhamento. Esta compreensão também dialoga com Cornelia Eckert e Rocha (2002), ao destacarem a capacidade das narrativas audiovisuais de registrar experiências, memórias e formas de viver que ultrapassam a dimensão puramente descritiva da escrita.

CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

A estrutura narrativa do documentário foi elaborada de forma que os próprios experientes conduzem a história contada por meio de suas falas, dispensando a presença de um narrador externo. A abertura é apresentada em um fundo preto, complementada apenas por sons do ambiente capturados durante a pesquisa, como o canto dos pássaros e o balançar das árvores, um recurso

que serve para inserir o espectador no contexto das comunidades antes mesmo da exibição das imagens, o fazendo ter curiosidade para saber quem está falando e o que vem a seguir. Sobre os sons, são sobrepostas partes das entrevistas que aguçam a curiosidade e adentra o tema principal do documentário. Inicialmente, seu Antônio descreve como o pião-roxo é utilizado para proteger as pessoas e os espaços de coisas negativas. Em seguida, seu Joãozinho menciona que quando chega alguém buscando tratamento, ele faz uma consulta e analisa se deve ser tratado por ele ou se é necessário buscar ajuda médica. A sequência é concluída com a afirmação de seu Selestino sobre as limitações da medicina em relação a certas doenças, justificando de acordo com sua perspectiva a continuidade das práticas de cura em suas comunidades. A escolha dessas falas teve como objetivo apresentar, logo no início, diferentes maneiras de entender o cuidado, sem criar uma dicotomia entre os saberes tradicionais e a medicina convencional, mas ressaltando a forma como os próprios participantes percebem suas práticas.

Após a exibição do título, o documentário se desdobra em cinco partes. No primeiro segmento são introduzidos os participantes da pesquisa: seu Selestino e seu Antônio, residentes da comunidade quilombola do João Grande, em Viseu-PA, e seu Joãozinho, que vive na comunidade quilombola de Jurussaca, em Tracuateua-PA. Cada um faz sua apresentação, compartilha um pouco de sua história. No segundo segmento, “A origem do saber”, os experientes relatam como descobriram as práticas que realizam, enfatizando que esses conhecimentos foram adquiridos por diferentes meios, seja de berço, da experiência ou da espiritualidade. O terceiro segmento, “Práticas de cuidado”, os entrevistados falam como realizam as orações, rezas, benzimentos e outros procedimentos executados, durante suas falas são exibidos alguns vídeos para elucidar melhor como os seus trabalhos são realizados. Na sequência, o bloco “Plantas e saberes” destaca a conexão entre as práticas de cura e o uso das plantas, apresentando espécies mencionadas nas entrevistas, como o pião roxo, é mostrado também o quintal e algumas plantações dos participantes, além do ritual realizado por seu Selestino para afastar as pragas de plantações, reforçando a presença desse conhecimento também no cuidado do território. Por último, o bloco “Vivências” compila experiências narradas pelos participantes sobre curas, atendimentos, objetos de proteção, manifestações espirituais e pessoas que viajam longas distâncias em busca de seus saberes, evidenciando como esses conhecimentos permanecem ativos e reconhecidos no cotidiano das comunidades, e fora delas também.

Ao longo de toda a história, as entrevistas foram entremeadas com visões de plantas, estradas, casas, rio, fauna, cultivos e outras capturas feitas durante a pesquisa de campo. Esses componentes não serviram apenas como ilustrações das falas, mas também como parte integrante da realização do documentário, ajudando a situar o público no ambiente onde vivem os

entrevistados e destacando as conexões entre os indivíduos experientes, a terra e a natureza. O documentário se encerra com a fala completa de seu Selestino, apresentada parcialmente na abertura, retomando a reflexão proposta desde o início da narrativa. A escolha desse trecho busca evidenciar, a partir da perspectiva do participante, que as práticas de cuidado presentes nas comunidades dialogam não apenas com o corpo, mas também com a espiritualidade, a natureza e os conhecimentos tradicionalmente compartilhados entre gerações.

FICHA TÉCNICA

Direção: Gisely de Lima Cordeiro

Orientadora: Profa Dra. Joana d’Arc de Vasconcelos Neves

Co-orientadora: Maria Annarry de Vasconcelos Neves Tavares

Pesquisa: Gisely de Lima Cordeiro

Roteiro: Gisely de Lima Cordeiro Câmera: Gisely de Lima Cordeiro

Co-câmera: Gabriel Harin

Captação de áudio: Gisely de Lima Cordeiro e Gabriel Harin

Edição e finalização: Gisely de Lima Cordeiro

Entrevistados: Seu Celeste, Seu Antônio, Seu João

Comunidades: Comunidade Quilombola João Grande (Viseu-PA) e Comunidade Quilombola Jurussaca (Tracuateua-PA)

Acessibilidade: Legenda

Legenda: Gisely de Lima Cordeiro

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de um documentário como Trabalho de Conclusão de Curso apresentou desafios distintos daqueles de uma monografia tradicional. O formato audiovisual exige decisões sobre linguagem, enquadramento, edição e montagem que o texto escrito não demanda. Ao mesmo tempo, permite comunicar aspectos da pesquisa que dificilmente seriam capturados em palavras: o tom de voz de um experiente ao contar sua história, a forma como suas mãos tocam uma planta, o silêncio que antecede uma reza, as expressões captadas.

A pesquisa reafirmou a importância dos saberes ancestrais nas comunidades quilombolas da Amazônia paraense e mostrou que esses saberes não são meros resquícios do passado, mas práticas vivas, atuais e significativas para quem as mantém. O documentário não pretende esgotar o tema nem oferecer respostas definitivas. Seu propósito é registrar e dar visibilidade a formas de

cuidar da saúde e da vida que a medicina convencional e ensino sistematizado por muitas vezes não abrange e que, por isso mesmo, merecem ser conhecidas, respeitadas e compartilhadas.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho significa encerrar uma etapa que jamais teria sido possível sem as pessoas que caminharam ao meu lado. Antes de tudo, agradeço a Deus por ter sustentado minha fé nos momentos em que o caminho pareceu pesado demais e por me dar forças para continuar quando pensei que não conseguiria. Agradeço também, com respeito e reverência, às forças espirituais que, de diferentes formas, acompanham e orientam os caminhos de quem acredita. Ao longo desta pesquisa, aprendi que o cuidado também pode ser compreendido para além do corpo e que, para muitas pessoas, a espiritualidade faz parte da maneira de viver, de resistir e de cuidar. Essa experiência também transformou meu olhar e, por isso, registro aqui minha gratidão.

Também agradeço à minha mãe, que fez deste sonho um sonho seu. Obrigada por nunca medir esforços para que eu chegasse até aqui, por acreditar em mim até nos dias em que eu mesma duvidei e por ter sido meu apoio incondicional durante toda essa caminhada. Ao meu pai e à minha avó, que hoje acompanham esta conquista apenas nas lembranças e na saudade, deixo minha eterna gratidão pelos ensinamentos, pelo amor e por tudo o que construíram em minha vida. Ao meu tio Natalino, agradeço pelo carinho e pelas palavras de incentivo que sempre chegaram nos momentos em que eu mais precisava.

Minha gratidão também à minha orientadora, Joana d'Arc de Vasconcelos Neves, pela confiança, pela paciência e por ter acreditado em mim, conduzindo cada etapa com sensibilidade e respeito. À minha co-orientadora, Maria Annarry Vasconcelos, agradeço pelas contribuições, pela disponibilidade e pelo cuidado com que acompanhou a construção deste trabalho. Aos experientes Seu Selestino, Seu Antônio e Seu Joãozinho, agradeço por abrirem as portas de suas casas e compartilharem seus conhecimentos, suas histórias e sua confiança. Este documentário existe porque vocês aceitaram dividir conosco saberes que ultrapassam as páginas dos livros e permanecem vivos na experiência, na espiritualidade e na memória das comunidades.

À Universidade Federal do Pará, à Faculdade de Educação, ao GUEAJA, ao PIBIC e à PROPESP, agradeço por tornarem esta pesquisa possível e por reafirmarem a importância de produzir conhecimento comprometido com os saberes amazônicos. Ao meu grande Gabriel Harin, pela parceria durante o trabalho de campo, pela ajuda nas gravações e por compartilhar comigo os desafios que fizeram parte não só desta produção, mas de toda graduação, tornando esse caminho mais leve. Aos meus amigos Luana, Renan, Jean e Júlia, ao meu primo Kaiky, à

minha família e ao prefeito Áureo Gomes, obrigada por cada gesto de apoio, incentivo e confiança ao longo dessa trajetória. Vocês foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui.

Por fim, agradeço a mim mesma por ter permanecido, mesmo diante dos momentos em que pensei que não conseguiria. Agradeço pela coragem de continuar, pela dedicação colocada em cada etapa e pela força encontrada nos dias de cansaço, insegurança e dificuldades. Este trabalho carrega minhas renúncias, minhas noites de preocupação, minhas viagens, minhas horas de pesquisa e edição, minhas dúvidas e também a minha persistência. Reconheço a minha própria caminhada e a mulher que me tornei ao atravessar esse processo, pois chegar até aqui também foi resultado do meu esforço, da minha entrega e do compromisso que assumi comigo mesma e com este sonho.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para esta caminhada, ainda que seus nomes não estejam registrados nestas páginas, deixo meu sincero agradecimento. Espero que este trabalho possa contribuir, ainda que de forma modesta, para que esses saberes continuem sendo reconhecidos, respeitados e preservados.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COUTINHO, Eduardo. **Eduardo Coutinho: o cinema documentário e a escuta sensível**. Organização de Consuelo Lins. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 2001.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: UFPA, 1990.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia**. Belém: UFPA, 1994.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia visual: documentação, pesquisa e narrativa etnográfica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras: os imprescindíveis sacerdotes da floresta**. Santarém: UFOPA, 2016.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Ediciones Abya-Yala, 2009.

FOTOS STTIL

Figura 1, 2 e 3: Gravação da conversa com o seu Celestino.



Fonte: Acervo da pesquisa (2025)

Figura 4: Paisagem da comunidade do João Grande utilizada nas gravações do documentário.



Fonte: Acervo da pesquisa (2025)

Figura 5: Local de gravação do seu Joãozinho na comunidade do Jurussaca.



Fonte: Acervo da pesquisa (2026)

CARTAZ

